



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo
Memorial de Projeto Final em Jornalismo

CN | Chinatown

uma fotodocumentação da comunidade chinesa do Cruzeiro Novo

Autor: Alexandre do Carmo Araújo Sales Bastos – 09/88685

Orientador: Marcelo Feijó

Brasília – DF

Julho de 2013

ALEXANDRE DO CARMO ARAÚJO SALES BASTOS

CN | CHINATOWN

uma fotodocumentação da comunidade chinesa do Cruzeiro Novo

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de
Brasília como requisito parcial
para obtenção do título de
bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Feijó Rocha Lima
Orientador

Prof. Me. Lourenço Lima Cardoso
Convidado

Prof^a. Dr^a. Cláudia Linhares Sanz
Convidada

Nota: _____

Brasília, 24 de julho de 2013

Being in a foreign country means walking a tightrope high above the ground without the net afforded a person by the country where he has his family, colleagues, and friends, and where he can easily say what he has to say in a language he has known from childhood.

Milan Kundera

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Nizan Bastos e meu pai Jesser Bastos; às minhas irmãs Bruna e Alessandra Bastos; e meus sobrinhos, Túlio e Valentina, por todo amor e apoio dedicados a mim em toda e qualquer situação ao longo de minha existência. A vocês, toda minha gratidão e todo meu amor incondicional.

Aos amigos e amigas que me acompanharam durante essa jornada de cinco anos e que me instigaram à reflexão constante e à busca pelo esclarecimento. Gratidão especial a Samyr Aissami, Marcus Vinícius, Leandro Rocha, Rodolfo Santos, Marcel Mello e Davi Carvalho de Mello pela amizade sincera e de longa data; ao semestre 2º/2008 pelas alegrias e desafios encontrados ao longo da graduação; as amizades e aprendizado extraídos das experiências de trabalho na Doisnovemeia Publicidade e na Pupila Audiovisual. Gratidão também à Nathalia Braga pelos conselhos, pelo ombro amigo e pela revisão deste trabalho. Vielen danke, schatz. À Lívia Mota Fonseca e ao Pedro França pelas conversas e críticas construtivas acerca da realização deste trabalho. Ao amigo Yu Zhimming pela orientação em como entrar em contato com as pessoas fotografadas em CN | Chinatown. Ao meu professor orientador Marcelo Feijó Rocha Lima pela orientação em meio a conversas extremamente aprazíveis. À Cláudia Linhares Sanz e ao Lourenço Lima Cardoso por aceitarem o convite de compor a banca examinadora e pelas luzes ao longo dos últimos anos, em encontros de grupo de estudo ou orientação na revista Campus Repórter, espaço onde aprendi muito sobre Fotografia.

Agradeço também a Tse Fong, Tsai Tse Pei, Na Na, Zheng Jianya, Jorge da Wang, Ana Wang, Wang Juan e todos outros e outras que aceitaram participar de CN | Chinatown e transformaram minhas expectativas em fotografias, em realidade.

Muita gratidão à Universidade de Brasília como um todo: seus institutos, professores e professoras, funcionários e funcionárias, alunos e alunas, ensino, pesquisas, extensões, festas, festivais e toda a estrutura pensada e repensada constantemente para fazer real e plena a formação intelectual e profissional daqueles e daquelas que frequentam seus corredores e salas.

E, finalmente, a Deus, Aquele que sempre esteve comigo, mesmo quando andei sozinho ou longe de todo o mundo.

RESUMO

O presente projeto experimental compreende uma fotorreportagem em formato de fotolivro composta por 60 fotografias que retratam a vida, o trabalho, a educação e a religião de imigrantes chineses e chinesas que, nos últimos anos, encontraram lar no Cruzeiro Novo, setor habitacional de Brasília. A intenção é apresentar as condições de vida de um grupo de pessoas que se deslocou em busca de melhores condições de vida, como têm se adaptado à realidade da cidade e reinventado a própria identidade em prol desta adaptação à cultura e aos hábitos locais.

Palavras-chave: fotojornalismo, migração, China, identidade.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. OBJETIVO	10
3. JUSTIFICATIVA	11
4. CONDIÇÕES DE PESQUISA	13
5. REFERENCIAL TEÓRICO	14
5.1 Globalização e imigração	
5.2 Imigração chinesa para o Brasil	
5.3 Imigração e identidade	
5.4 Aculturação e fricção interétnica	
5.5 Reportagem fotográfica e fotodocumentação	
5.6 O Cruzeiro	
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
6.1 Da produção da fotorreportagem	
6.2 Da edição	
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
9. ANEXOS	29
9.1 Cronogramas	
9.2 Orçamento	
9.3 Fotografias	

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca retratar em uma narrativa fotográfica e textual a vida de imigrantes chineses no Cruzeiro Novo. Nos últimos anos um grande número de imigrantes chineses chegou a Brasília, tendo como foco o trabalho na Feira dos Importados. Segundo o prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro uma diáspora chinesa ocorre em todo o mundo desde o último século:

A diáspora chinesa, a maior do mundo contemporâneo, tem um papel fundamental na globalização popular que nela em grande medida se apoia. Não por acaso encontram-se cada vez mais migrantes chineses, em geral cantoneses, associados ao comércio do sistema mundial não-hegemônico. (RIBEIRO, 2010, p. 32)

Tendo como foco trabalhar na Feira dos Importados, grande número destes chineses reside em regiões administrativas limítrofes à Feira, como o Cruzeiro e o Guará. A Região Administrativa XI – Cruzeiro Velho e Cruzeiro Novo – desde sua origem, em 1959, abriga migrantes e funcionários públicos transferidos à capital federal:

Apesar de ter o nome Setor de Residências Econômicas Sul – SRES, designado pelos planejadores de Brasília, este núcleo residencial passou a assumir efetivamente a identidade de Cruzeiro (...). Antes de ser o SRES, a região foi destinada no Relatório do Plano Piloto de Brasília a um “setor residencial autônomo” (ArPDF, 1991:26) que serviria de abrigo aos operários empregados nos setores de armazenamento e de indústrias próximos à estação ferroviária. (GONZAGA, 2005, p.38)

É interessante observar, então, a possibilidade de estes imigrantes chineses encontrarem no Cruzeiro os diversos matizes da brasilidade e entrar em contato com essa diversidade de culturas, observada mais facilmente nas habitações coletivas do Cruzeiro Novo do que nas casas do Cruzeiro Velho. Os edifícios que tradicionalmente abrigam famílias cearenses, cariocas, goianas, gaúchas, hoje abrigam também famílias chinesas.

Em muitas destas famílias há filhos nascidos no Brasil que garantem assim a permanência dos pais imigrantes no Brasil. Há ainda chineses que emigraram permanentemente, mas decidiram por restringir seu contato com esta mesma brasilidade quase que exclusivamente no âmbito profissional, na Feira dos Importados. Busca-se apresentar neste trabalho a comunidade chinesa e seus traços identitários sino-brasileiros.

OBJETIVO

Produzir uma documentação fotográfica que retrate de forma simples e concisa a vida de imigrantes chineses, e filhos de imigrantes, em quatro frentes: educação, trabalho, religião e família. Retratar o cotidiano destas pessoas e observar as características que compõem suas identidades chinesa e brasileira e como estas pessoas lidam com a expressão de suas identidades.

Apesar de terem sido produzidas outras reportagens e estudos sobre a condição dos chineses no Brasil cujo foco eram as ações da máfia chinesa no Brasil, neste trabalho não se busca abordar tal organização ou sua influência nas vidas dos imigrantes retratados no projeto. Sendo assim busca-se enxergar os chineses e suas identidades. Busquei encontrar o cerne humano da comunidade chinesa que hoje existe em número expressivo no Cruzeiro, porém sobre a qual pouco se sabe.

JUSTIFICATIVA

A Fotografia tem em si valor de documento quando é usada para registrar um evento, uma pessoa, um lugar no tempo. Além de tantos outros usos ela também tem poder instrumental na aproximação entre pessoas, como exemplifica Susan Sontag:

Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo. (SONTAG, 2011, p. 26)

Pensando a Fotografia como este instrumento usado para retratar uma realidade e que produz “fatias de momentos” a Fotografia carrega em si ares de verdade incontestes. E, neste âmbito, a fotografia jornalística é então admitida como este recorte visual da verdade usado para confirmar – ou reforçar – as informações apresentadas em um texto jornalístico para relatar um fato. A fotografia é um documento com poder ainda maior de penetração em comparação com o texto, pois todos que têm visão normal podem ver uma fotografia, mas nem todos sabem ler o que um texto expõe, muito menos pessoas vão além do que a tinta mostra, poucos interpretam as informações de um texto. No caso da fotografia, as informações expostas são legíveis e, para o caso do fotojornalismo, de rápida interpretação. No entanto, não me iludo com a ideia de apresentar uma verdade absoluta.

Estou ciente de que este trabalho é um esforço de aproximação para retratar uma comunidade sobre a qual pouco se escreve além de notícias de crimes praticados por imigrantes ilegais. A ideia de apresentar a realidade destes chineses e chinesas em uma reportagem fotográfica reside na necessidade que encontrei de olhá-los a todos de dentro de seus lares, ambientes de trabalho, escolas e igreja, a fim de apresentar e documentar este grupo que por diversas barreiras (*i.e.* culturais e linguísticas) não tem um envolvimento completo com o ambiente que os cerca, mas que carregam diversas características que os aproximam de muitos brasileiros e brasileiras, como a religião evangélica.

Após meses presente em seus cultos religiosos, escolas, restaurantes e bancas na Feira dos Importados pude observá-los de perto e notar aspectos que os fazem tão brasileiros quanto chineses, resultado de um processo de contato com a cultura local. Modificando-a, mas também sendo modificados por ela.

CONDIÇÕES DA PESQUISA

As primeiras considerações e leituras que me fizeram questionar sobre o tema deste trabalho surgiram quando eu morei fora do Brasil. Notei, nos intercâmbios que fiz em 2012, a presença de chineses e chinesas nas duas pequenas cidades em que morei, nos Estados Unidos e na Alemanha. Com eles trabalhei e estudei e, por observação, pude tomar notas e crescer meu interesse por um povo que parecia estar presente onde quer que eu andasse e com a notável característica de estar sempre bem coeso, reunido por laços familiares ou por outros laços. Quando voltei para o Brasil, ao fim de 2012, o que vi aqui não foi diferente do que vi naqueles países, passei a reparar o crescimento da comunidade chinesa no meu próprio bairro, o Cruzeiro. Enxerguei então a possibilidade de exercitar esta aproximação e com ela produzir meu trabalho de conclusão de curso.

Já no começo de 2013 pensei em realizar uma fotorreportagem, para retratar a comunidade chinesa do Cruzeiro Novo e não deixei de considerar que esta mesma comunidade é modesta se comparada com a totalidade da população do setor habitacional em questão. Mas o que me interessava era seu crescimento recente, este expressivo. Além de perceber nos chineses um comportamento de reclusão e agrupamento quase que exclusivo entre seus iguais. Todos estes fatores foram complicações para o desenvolvimento do projeto. No entanto, tive a sorte de encontrar a Igreja Evangélica Chinesa de Brasília (IECB) e perceber uma diversidade de pessoas, origens, idades e personalidades naquele ambiente. A partir deste momento tive a indispensável ajuda de Tsai Tse Pei e Tse Fong – responsáveis pela igreja – para encontrar pessoas, entrevistá-las, conhecê-las e enfim conseguir realizar este trabalho. A Igreja Evangélica Chinesa de Brasília serve como ponto de encontro dos chineses, onde estuda-se o mandarim e a Bíblia sob o mesmo teto. Moradores de Águas Claras e Vicente Pires também frequentam a Igreja por conta do laço criado com o grupo da IECB e por alguns destes já terem morado no Cruzeiro. Passei a considerar o direcionamento do trabalho para uma pesquisa daquilo que compõe a identidade chinesa destas pessoas bem como o que compõe a identidade brasileira das novas gerações, já nascidas aqui no Brasil.

Para estudar esta nova geração, acompanhei Jorge da Wang e Ana da Wang em suas rotinas escolares e para tanto necessitei de autorização da Gerência Regional do Ensino Básico e das direções da Escola Classe 05 do Cruzeiro e do Centro de Ensino Fundamental 02 do Cruzeiro. Feitas as fotos que retratavam o aspecto da Educação, pedi-lhes que, com duas câmeras descartáveis de 27 poses, fotografassem aspectos de suas vidas que os fizessem chineses (nove fotografias), brasileiros (nove fotografias) e uma última sessão de sua família (outras nove fotografias), tendo em vista a impossibilidade de eu entrar em contato com seus pais, por motivos não declarados por estes. Esta foi a maior dificuldade que encontrei ao longo do trabalho: a comunicação com estes chineses e chinesas. Não por questões linguísticas, mas por serem muito desconfiados, muitos deles não me davam seus telefones para contato ou endereço. Nós nos encontrávamos estritamente em seus ambientes de trabalho ou na Igreja, em horários previamente combinados. O acesso às fontes foi o maior desafio.

A escolha por não entrar no mérito da legalidade ou ilegalidade da permanência de alguns imigrantes foi fator decisivo no tratamento dado à questão da identidade cultural. Meu interesse por aquilo que faz esta comunidade ser o que é foi maior do que o interesse em abordar a regularidade da permanência dos chineses.

REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Globalização e imigração

O termo globalização começa a figurar na literatura acadêmica e na linguagem cotidiana somente no início dos anos 1990. Em *Mundo em Descontrole*, Anthony Giddens compreende a difusão global do termo como “indicadora dos próprios desenvolvimentos a que ele se refere” (GIDDENS, 2000, p.18), ou seja, a ocupação do conceito de globalização nos vocabulários em diferentes idiomas era uma forma de confirmar os efeitos dessa mesma globalização. Efeitos estes que reverberaram não só na dinâmica das relações internacionais, mas também nas vidas particulares de cidadãos e cidadãs de todos os países. Desde o fim dos anos 1980 a maneira como as pessoas se relacionam com o mundo ao redor foi rearranjada como nunca antes na história mundial. Processos de alcance mundial mais acelerados, como o aprimoramento das telecomunicações, permitiram às pessoas terem uma experiência inédita de compressão das distâncias e do tempo (HALL, 2011, p. 69), como o contato com pessoas de países do outro lado do planeta. O contato com diferentes culturas e diferentes formas de governo fomentou o estabelecimento de padrões de consumo, comportamento e crença que ilustram o que se entende por globalização. E este fenômeno possibilitou a aceleração não só do fluxo de informações, produtos, bens culturais ou de consumo, mas também de pessoas. A imigração, portanto, sempre exerceu papel central nesse trânsito no qual a pessoa ora era portadora ou a própria coisa transferida. Há efeitos positivos como a maior integração regional entre nações – como o caso de blocos econômicos regionais –, porém há também efeitos negativos, como a colocação de pessoas e nações à margem do sistema capitalista. Estudiosos contemporâneos afirmam existir uma *globalização popular* (RIBEIRO, 2010, p. 21), uma espécie de “sistema mundial não-hegemônico” em que a dinâmica econômica convencional – em que os principais agentes são as grandes multinacionais, em detrimento de pequenos produtores – é subvertida. No sistema mundial não-hegemônico a hegemonia das grandes corporações, os agentes clássicos do capitalismo global, é substituída por uma nova lógica de “setores subalternos” (CANCLINI, 1982 p.62) que

participam ativamente na construção e manutenção de um sistema não-hegemônico de comércio, onde se vendem produtos considerados piratas e se praticam atividades ilegais – como o contrabando – segundo os parâmetros da legislação vigente no sistema hegemônico

A marginalização de determinadas nações ou de grupos populacionais faz com que pessoas deixem suas origens – na maioria das vezes pobres – a fim de enriquecer em outro país de moeda mais forte. No caso atual da imigração de chineses para o Brasil boa parte destas pessoas vêm para trabalhar no referido sistema não-hegemônico, como portadores e receptores de mercadorias consideradas falsificadas pelas regras do sistema vigente, o sistema mundial hegemônico.

As razões para a imigração são variadas, desde refúgio político ou migrações climáticas até a busca por melhores condições financeiras. Segundo Stuart Hall no mundo atual há uma tendência de muitos imigrantes a mudarem de país e adotarem valores e identidades cada vez mais universalistas e cosmopolitas, em detrimento do apego ao local (HALL, 2011, p. 97). A imigração dos chineses retratados no presente projeto é, em suma, a busca de uma melhor condição de vida para si e para a própria família, como afirmado por Melissa (Tsai Tse Pei) uma das personagens do presente trabalho, que imigrou para o Brasil ainda na década de 1970.

5.2 Imigração chinesa para o Brasil

No ano de 2012 comemorou-se o bicentenário do marco da imigração chinesa para o Brasil. Em 1812 chega no Rio de Janeiro o navio Vulcano, com cerca de 300 imigrantes chineses e chinesas de Macau para dar início ao projeto da Coroa Portuguesa de cultivar chá no país. Eles foram mandados especificamente para a fazenda da família real, que hoje se conhece como o Jardim Botânico.

Já nos primeiros momentos do pioneiro grupo de Macau foi registrado um desentendimento entre chineses e brasileiros. O diretor do Jardim Botânico Imperial esperava dos chineses o cultivo de chá preto – seguindo as

preferências brasileiras importadas da metrópole portuguesa –, enquanto os recém-chegados imigrantes, por hábitos diferentes, cultivavam chá verde (LESSER, 2001, p.41). A falta de sintonia gerou uma desconfiança no trabalho dos chineses, que ficavam sob suspeita de estar guardando segredos a respeito do cultivo do chá. O desentendimento levou o diretor do Jardim Botânico a desconfiar do grupo de chineses. Este fato ilustra as barreiras linguísticas e culturais que até hoje existem e dificultam a aproximação entre grupos de chineses e de brasileiros.

Um fator facilitador para a chegada dos chineses e chinesas ao Brasil foi o cenário político brasileiro onde as pressões internas e externas visavam à abolição da escravidão. Além de o século XIX ser marcado por inúmeras teorias raciais que buscavam hierarquizar os tipos étnicos e punham o “grupo racial” asiático em posição superior ao grupo africano, escravizado na colônia portuguesa, favorecendo assim a preferência pela mão de obra asiática. No fervor do debate sobre a abolição da escravidão e diante da indisposição dos grupos centro-europeus em imigrarem em grande número para trabalhar em terras tupiniquins, os fazendeiros e políticos brasileiros viram a chance de explorar a mão de obra barata dos imigrantes chineses, vistos como uma classe servil, e de assim operarem em favor da ideia de “desafricanização” da sociedade brasileira.

Em meio à discussão sobre a presença da mão de obra chinesa no Brasil imperial, políticos discordavam quanto à aceitação da imigração dos chineses no que diz respeito aos efeitos, segundo eles, positivos na economia e negativos na miscigenação. Políticos estes como o abolicionista e pró-imigração Quintino Bocayuva, mas também havia aqueles contrários à chegada de imigrantes chineses, como o senador Alfredo d’Escagnolle Taunay – o Visconde de Taunay – Joaquim Nabuco, e o industrialista Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá. Apesar de discordarem entre si a respeito da “importação” de chineses todos concordavam em achar que este grupo era pouco mais que uma mercadoria (LESSER, 2001, p.40). Ao fim do século XIX o Brasil assina um contrato amplo de “Amizade, Comércio e Navegação” com a China, mas esta impõe a proibição de contratação de mão

de obra *coolie*¹ por parte do Brasil (CHANG-SHENG, 2009) por conta da desvalorização dos trabalhadores chineses na colônia portuguesa (LESSER, 2001, p.58). Os trabalhadores chineses eram vistos por empregadores como bons substitutos à mão de obra escrava já que, apesar de serem assalariados, “não tinham ambições de virem a se tornar proprietários de terras” e tinham “uma aspiração apenas: retornar à sua pátria” e não como colonos livres (LESSER, 2001, p.48).

No início do século XX, as histórias relatadas por chineses emigrados que visitavam a terra natal motivaram mais chineses a abandonarem a China e emigrarem (CHANG-SHENG, 2009). Um facilitador para a decisão de imigração era a situação na zona rural chinesa, especialmente da província de Zhejiang, onde fica a cidade de Qing Tian que, até os dias de hoje, é a cidade de origem de boa parte dos chineses que habitam a cidade de Brasília.

5.3 Imigração e identidade

Em *A Identidade Cultural na Era da Pós-Modernidade*, Stuart Hall apresenta três concepções de identidade que qualificam:

- a) o sujeito do Iluminismo
- b) o sujeito sociológico
- c) o sujeito pós-moderno

Na compreensão de Hall, o sujeito do Iluminismo é uma figura dotada das capacidades de razão, consciência e de ação e o centro deste sujeito é o um núcleo interior. A compreensão de sujeito aqui é notadamente mais individualista, focada no indivíduo em si.

Já a noção de sujeito sociológico é fruto da relação do indivíduo com outras pessoas importantes para ele. Assim, entende-se a identidade como a interação entre o eu e a sociedade que cerca este indivíduo. Assim a

¹ *Coolie* é um termo pejorativo forjado no século XVIII para designar trabalhadores braçais originários da Ásia in Oxford Dictionary

concepção de identidade compreende a relação entre a essência do indivíduo e o mundo exterior, bem como a fragmentação dessa mesma identidade, anteriormente tida como unificada e estável. A identidade na perspectiva sociológica, portanto, liga esse eu interior com o mundo público e compreende os processos de projeção deste eu-interior e a internalização dos significados e valores das identidades culturais exteriores ao indivíduo.

O conceito de sujeito pós-moderno, por sua vez, entende a variabilidade, a problematização e o caráter provisório dos processos de identificação. A identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, nem essencial muito menos permanente. Onde a formação – e consequente transformação – desta identidade ocorre por meio das formas como os indivíduos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam. A identidade do sujeito é um subproduto das interações histórico-sociais e econômicas do momento em que este sujeito vive. Logo, ao longo de sua vida o indivíduo assume diferentes identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Como sumarizado por Hall, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2011 p. 13).

No mundo pós moderno, então, pode-se enxergar a identidade como uma característica plural dos indivíduos, suscetível à transformação empregada pela relação dos contextos onde o indivíduo está inserido, assim como resultante pela própria vontade do indivíduo de mudar o seu interior. A imigração, como fenômeno de mudança das condições exteriores ao indivíduo, possui papel importante na construção e na reconstrução da identidade. A questão é levantada por Stuart Hall:

É possível, de algum modo, em tempos globais ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? A continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. (HALL, 2011, p. 84)

Tal passagem traz em seu bojo a reflexão sobre a integridade da identidade ao longo do passar do tempo, em uma época em que o tempo é cada vez mais escasso. No caso dos imigrantes, a própria migração já oferece um rearranjo de diversas condições externas que se impõem sobre

eles oferecendo uma nova reconfiguração da própria identidade. As confrontações culturais globais supracitadas vão além de um exercício intelectual de comparação entre as culturas chinesa e brasileira,. Estas condições externas, como as estruturas social e política do novo país, bem como a cultura local, pressionam os indivíduos a reinventarem a própria identidade, mesmo que minimamente, a fim de se adaptarem. Mas há que se considerar também os efeitos da presença de uma nova comunidade em uma sociedade já organizada segundo características históricas particulares e compartilhadas por seus indivíduos nativos. A nova comunidade, portanto, não somente se adapta, mas também age na sociedade modificando esta. Assim como é explicitado por Hall, em uma passagem sobre a presença nipônica no Reino Unido.

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em questão. Num país que é agora repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? (HALL, 2011, p. 84)

Esta dinâmica será mais bem explanada no subtópico Aculturação e fricção interétnica (5.3.1) do presente trabalho.

Considerando que a maioria dos imigrantes chineses entrevistados para este trabalho provém de uma província rural chinesa (Zhejiang) o choque cultural quando da chegada à capital federal brasileira vai além das diferenças entre campo-cidade e China-Brasil. Em uma comparação entre uma chinesa recém-chegada com o casal que há mais tempo está no Brasil – todos entrevistados para este trabalho –, é possível perceber traços de adaptação mais evidentes. A absorção de vocabulário regional brasileiro é uma delas. Quando entrevistada, Wang Juān, há 12 anos no Brasil, relatou sobre a origem que compartilha com a família, também imigrante: “A *gente cresceu na roça*”.

As diferenças de adaptação são evidentes também no caso de Ana da Wang, 11 anos, brasileira, filha de um casal de chineses. Acostumada com o

dialeto chinês falado no lar, Ana passou os primeiros anos da alfabetização se recusando a aprender o português, atitude que provavelmente aprendeu com os pais que até hoje minimizam o contato e o uso da língua portuguesa. Os pais de Ana preferem viver mais reclusos em casa. Com o passar dos anos, Ana aprendeu o português muito rapidamente e entendeu a importância da língua para sua vivência.

5.3.1 Aculturação e fricção interétnica

A discussão a respeito da relação interétnica entre um indivíduo e a sociedade que o cerca permeia o conceito de fricção interétnica (OLIVEIRA, 1963). Este conceito foi proposto para definir o contato entre etnias diferentes e a decorrente apropriação de práticas e costumes em uma via de mão dupla, tanto por parte do indivíduo inserido na sociedade quanto pela sociedade absorvendo práticas do indivíduo. Apesar de o conceito de fricção interétnica ter-se originalmente aplicado a grupos tribais indígenas e segmentos da sociedade urbana brasileira, a utilização do mesmo conceito no presente trabalho se dá para definir o contato entre grupos étnicos diferentes – brasileiros, ocidentais; chineses, orientais – que culmina numa adoção de novas identidades, em face da nova sociedade em que se inserem estes imigrantes chineses. A assunção de uma nova identidade é um imperativo quando estes imigrantes chegam ao Brasil. Ainda nos primórdios da imigração chinesa para o Brasil, os imigrantes adotavam nomes cristãos a mando dos seus empregadores (CHANG-SHENG, 2009). Mais recentemente é possível entender a adoção de nomes ocidentalizados para facilitar na comunicação diária com brasileiros e brasileiras. Dessa forma uma nova identidade expressar-se-á desde a conversão dos nomes em *kanji* para nomes romanizados. Um fato curioso é a presença de nomes anglo-saxônicos como Steven, Jeff, Melissa, ainda que estes houvessem imigrado para um país latino. Tal fato reforça a ideia de uma identidade pós-moderna cada vez mais globalizada.

5.4 Reportagem fotográfica e fotodocumentação

No livro *Linguagem Fotográfica e Informação*, Milton Guran traz uma explicação do fotógrafo americano Edward Weston que elucida diversos pontos que guiaram a elaboração do presente trabalho:

O poder da fotografia reside na capacidade de recriar o seu objeto nos termos da realidade básica dele e de apresentar esta recriação de tal forma que o espectador sinta que está diante não apenas do símbolo daquele objeto, mas da própria essência da natureza dele revelada pela primeira vez (WESTON, 1939, *apud* GURAN, 1992, p. 7).

Para a elaboração de uma documentação fotográfica que se propõe lançar um outro olhar sobre uma realidade estigmatizada, o exercício da observação do retratado como se este apresentasse ali a sua essência é de extrema importância. O ato de fotografar outrem é bastante invasivo e pode inibir a pessoa fotografada, porém assim como o gravador ou o bloco de anotações em uma entrevista, a câmera exerce papel secundário diante do contato entre repórter e entrevistado.

A fotorreportagem tem o benefício da universalidade da leitura de sua linguagem, pois para se ler uma história retratada em imagens não é necessária alfabetização formal, apenas visão normal. E, ao contrário do que um certo senso comum entende sobre o valor da fotografia jornalística, a reportagem fotográfica hoje já dispõe de espaços, principalmente em meios digitais, exclusivos para a linguagem fotográfica onde o texto é suporte da história contada nas imagens, tal como se busca realizar em CN | Chinatown. Nos primórdios do fotojornalismo era natural, porém, que esta lógica não existisse, como afirma Gisèle Freund em *Fotografia e Sociedade*: “The task of the first photoreporters was Simply to produce isolated images to illustrate a story(it was only when the image itself became the story that photojournalism was born.) (FREUND, 1974, p. 115).

O conceito de valor-notícia também serve como prisma teórico pelo qual se observa a condição da comunidade chinesa e como forma de orientação na composição do retrato feito dela. Valores-notícia como atualidade, notoriedade e proximidade – qualificados como fundamentais por

Thaïs de Mendonça Jorge em seu *Manual do Foca* – foram considerados na estruturação desta fotorreportagem.

5.7 O Cruzeiro

A Região Administrativa XI (RA-XI) foi idealizada para abrigar funcionários de regiões limítrofes como os setores de armazenamento e de indústrias, onde se situa a Feira dos Importados, e a hoje extinta Rodoferroviária (GONZAGA, 2005, p. 38). O Cruzeiro, como ficou conhecido por moradores e visitantes, é composto por Cruzeiro Velho, o Setor de Residências Econômicas Sul (SRES), e Cruzeiro Novo, Setor de Habitações Coletivas Sul (SHCES). Historicamente a RA-XI é composta por uma grande parte de cariocas, migrados por ocasião da transferência da capital. Portanto, o Cruzeiro, desde seus primórdios, já serviu de morada para pessoas em busca de reinvenção na própria história e principalmente, fora projetado para atender moradores com menor poder aquisitivo (GONZAGA, 2005, p. 47).

O Cruzeiro Novo foi implantado no fim da década de 60 a fim de abrigar boa parte do funcionalismo público federal, além de funcionários militares e do Ministério Público da União. Com o passar dos anos, no entanto, ambos setores, SHCES e SRES, tornaram-se tão disputados quanto as áreas do Plano Piloto, devido a proximidade à Zona Central de Brasília e considerando os preços mais acessíveis dos imóveis em relação aos imóveis do Plano Piloto. Estes também são os motivos para a instalação da comunidade chinesa no Cruzeiro Novo, além da proximidade com a Feira dos Importados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1 Da produção da fotorreportagem

A busca por personagens e a aceitação em participar do projeto foram os maiores problemas enfrentados durante a execução do presente projeto. Primeiramente porque desde o início eu sabia que eu poderia encontrar possíveis personagens na Feira dos Importados. No entanto optei por encontrá-los em suas residências, procurando-os de porta em porta, pois acreditei que eu teria mais sucesso se lhes apresentasse o projeto em seus ambientes privados do que se tentasse abordá-los em espaço público. Busquei na reportagem de Renato Alves para o Correio Braziliense em 2009², a referência às quadras onde residia uma grande quantidade de chineses.

Após realizar um mapeamento nas quadras 101, 103, 105, 107, 201, 205, 207 e 305 do Cruzeiro Novo encontrei somente duas famílias ainda residindo nas quadras supracitadas. Tentei também contato por email com síndicos e síndicas, mas que gerou poucas respostas, todas negativas. Após contato com a síndica do bloco B da quadra 305 descobri que chineses e chinesas realizavam encontros dominicais na Escola Classe 05 do Cruzeiro o que, mais futuramente, descobri serem cultos religiosos. Ali eu encontrei o momento perfeito para conversar abertamente com eles sobre o projeto sem temer recusas motivadas por insegurança. Entreguei-lhes três cartas em mandarim e uma em português que caracterizavam o projeto como uma investida artística, uma produção de material que retrata o multiculturalismo atual de Brasília, pois temi afastá-los com palavras como “repórter” ou “jornalista”. Para minha surpresa, meu receio não tinha fundamento, pois as pessoas ali presentes demonstraram grande abertura e apoio na elaboração do trabalho. Para conhecer a natureza dessa reunião dominical passei a

² Orientais alugam apartamentos no Cruzeiro Novo para facilitar o comércio pirata.

Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/06/21/interna_cidadesdf,120313/index.shtml>. Acesso em 25 mar. 2013 às 14h30

frequentar os cultos sem câmera, sem gravador, nem mesmo bloquinho, durante aproximadamente um mês. Após este período tive noção da sequência da cerimônia, bem como pude conquistar a confiança dos membros da Igreja Evangélica Chinesa de Brasília (IECB). Durante dois meses fotografei quase todos os cultos de domingo e ali pude conhecer as personagens que ilustram o livro deste projeto: Melissa e Steven; Lina; Jorge e Ana; e Na Na e sua família.

Simultaneamente à captação das fotografias da IECB passei a retratar alguns dias da rotina escolar de Ana da Wang e Jorge da Wang, alunos da Escola Classe 05 e do Centro de Ensino Fundamental 02 do Cruzeiro, respectivamente. Para fotografar dentro das escolas, precisei de uma autorização por escrito emitida pela Gerência Regional do Ensino Básico, da Secretaria de Ensino do Distrito Federal, assinada pelas diretoras dos colégios bem como pela Faculdade de Comunicação da UnB. Após estas etapas burocráticas a captação das imagens de Jorge e Ana se deu com muito mais facilidade e intimidade como se a câmera nem estivesse presente e eu fosse apenas um estagiário da professora de Artes Cênicas do CEF 02 e dos professores de Prática Desportiva do mesmo colégio. Entrevistei os professores a fim de entender um pouco mais das condições de aprendizado das crianças chinesas e dos filhos de chineses e as dificuldades enfrentadas por eles em escolas da rede pública.

6.2 Da edição

A escolha da organização do material em quatro frentes – educação, trabalho, família e religião – se deu depois da definição das personagens que ilustrariam a fotorreportagem. Considerando o fato de que todas as personagens são membros da IECB, criei uma seção específica para registrar o cotidiano da igreja, a sessão Religião. Nesta sessão inseri uma série de retratos frontais, como que fotografias 3x4, a fim de realizar um trabalho de documentação dos membros da igreja.

Buscando considerar a geração de filhos e filhas brasileiros de imigrantes chineses, decidi por organizar uma seção somente voltada para a Educação. Assim quis ilustrar o cotidiano de Jorge e Ana, como que uma metonímia visual a todas as meninas e todos os meninos como eles que possuem aspectos identitários brasileiros por convívio social e chineses por herança; para evidenciar o núcleo familiar chinês, onde se reproduzem as características básicas para a formação de uma identidade e consciência chinesas em solo brasileiro, organizei fotos que apresentassem uma Família de modo a operar também como metonímia visual para todas as famílias da comunidade chinesa do Cruzeiro Novo; a sessão Trabalho apresenta bancas da Feira dos Importados, um restaurante na Asa Sul e um laboratório de pesquisa na UnB como modo de ilustrar a trajetória de muitos chineses que vêm para o Brasil e vão pouco a pouco alcançando sucesso econômico e profissional; a sessão Religião compreende fotografias de cultos, santas ceias e festividades da Igreja Evangélica Chinesa de Brasília, a fim de reportar sobre a particularidade da adoção de uma religião pentecostal por parte dos imigrantes chineses bem como o papel axial desempenhado pela instituição para a coesão da comunidade; e por fim uma última sessão apresentando fotografias de Jorge e Ana da Wang em que ambos fizeram um exercício de autorrepresentação por meio de fotografias. Pedi-lhes que fotografassem aspectos dos seus cotidianos que revelassem traços identitários chineses e brasileiros e fotografassem também a própria família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois semestres letivos e diversas reuniões com meu professor orientador, o Marcelo Feijó, pude chegar ao tema da fotorreportagem sobre a comunidade chinesa no Cruzeiro Novo. A escolha por retratar a comunidade que cresce no setor habitacional no qual nasci e fui criado, muito tem a ver com a minha própria história recente, minhas passagens por outros países e a condição de ser estrangeiro em terras não suas. Percebi na condição destes chineses em Brasília algo de similar com o que tive no exterior, mesmo que com prazo de validade. A diferença gritante, no entanto, é que para aqueles a mudança é, muitas vezes, permanente e a partir desta mudança eles reinventam a própria história.

Apesar do curto período para o desenvolvimento do projeto – aproximadamente quatro meses –, as reflexões aqui formalizadas são resultado de experiências vividas dentro e fora do Brasil, ao longo de 19 meses. Este trabalho então se materializa como a oportunidade para publicar, em texto e imagem, minhas elucubrações sobre o que vi na vida dos outros. E o desafio de retratar o outro residiu em todos os momentos em me colocar no lugar deste e contar sua história de forma simples e com proximidade.

Ao fim destes meses produzindo fotografias, lendo e ouvindo as histórias dos imigrantes, realizando entrevistas com diretoras, professoras e professores pude observar que o meu trabalho não é somente um exercício de documentação e reportagem; mas também, como várias pessoas retratadas no projeto elucidaram, uma forma de criar a memória da igreja e da comunidade chinesa do Cruzeiro. Por fim, a comunidade se agrega por meio da igreja, de forma a engajar também brasileiros e mesmo *nikkeis*³ na manutenção do espaço comum criado entre brasileiros e chineses que opera não somente para exercício de uma fé mas também para a afirmação e coesão da comunidade.

³ *Nikkei* é um termo da língua japonesa usado para descrever gerações de descendentes japoneses que vivem no exterior do Japão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 149 p.

CHANG-SHENG, Shu. Imigrantes e a imigração chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). *Leituras da História*, São Paulo, v. ano II, p. 44-53, 2009.

FREUND, Gisèle (1974). *Photography and Society*, Boston, MA: David R. Godine Publisher, 1980.

GIDDENS, Anthony. (2000). *Mundo em descontrol: o que a globalização está fazendo de nós*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONZAGA, Beatrice Arruda Eller. *O planejamento Urbano e a Cidade Real: um olhar sobre o Cruzeiro-DF*. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 1991. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social. Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

HALL, Stuart. (1992) *A identidade cultural na pós-modernidade* 11ª edição, 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

RIBEIRO, Lins Gustavo. *A globalização Popular e o Sistema Mundial Não-Hegemônico*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 25, n. 74, p. 21-38, outubro. 2010.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004

ANEXOS

9.1 Cronogramas

- 4 a 7 de Abril de 2013
 - Mapeamento dos apartamentos alugados por chineses nas quadras 101, 103, 107 e 207 do Cruzeiro Novo.
- 8 a 12 de Abril de 2013
 - Apresentação do projeto para os chineses da IECB. (Ajuda do colega Yu Zhiming)
- 15 a 28 de Abril de 2013
 - Estudos dos referenciais teóricos e trabalhos fotográficos correlatos
- 29 de Abril a 13 de Maio de 2013
 - Primeira sessão de fotos
 - Retratos individuais de todos que se dispuserem a participar
 - Retratos ambientais das casas
- 14 a 17 de Maio de 2013
 - Primeira edição das fotografias
- 20 de Maio a 15 de Junho de 2013
 - Segunda sessão de fotos
 - Acompanhamento da rotina dos/as trabalhadores/as
 - Acompanhamento das crianças

9.2 Orçamento

Impressão de duas cópias do produto: R\$258

Impressão e encadernação do memorial: R\$ 47

Impressão das provas do produto: R\$ 38

Duas câmeras descartáveis: R\$38

Revelação dos filmes: R\$32

Total: R\$413

9.3 Fotografias



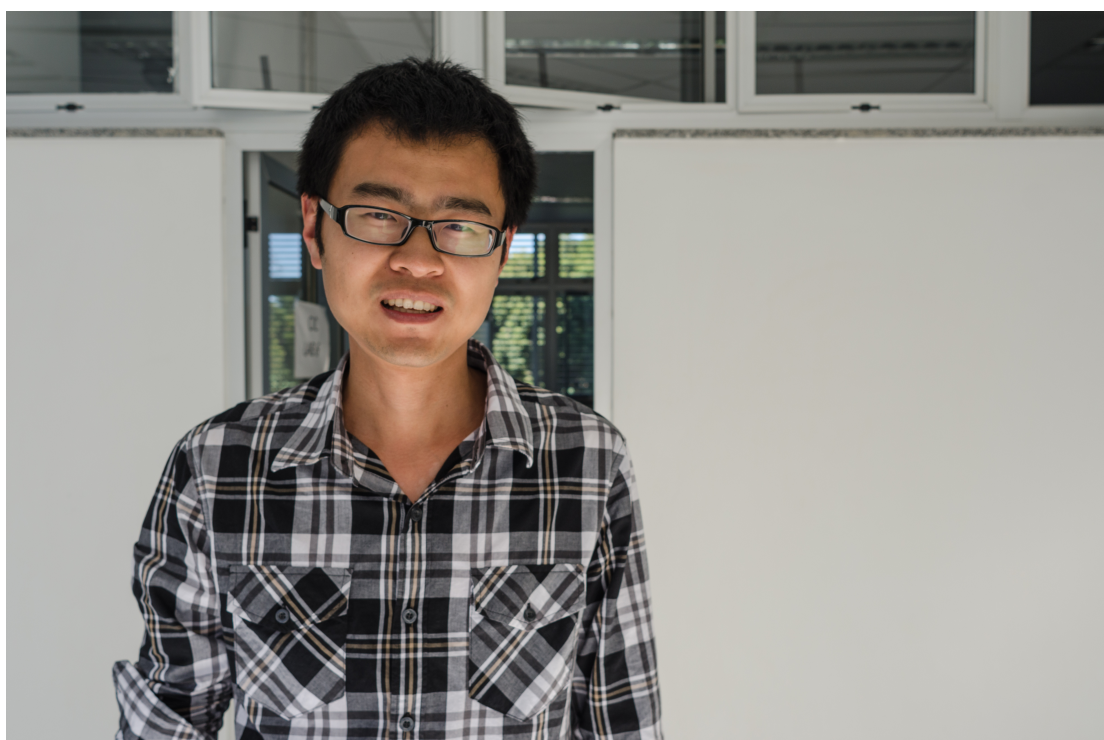
Na Igreja Evangélica Chinesa de Brasília, brasileiros como o casal Luís (à esquerda) e Hitomi (à direita), auxiliam nas tarefas de educação religiosa das crianças.



Da esquerda para a direita, Cheng, Vitória, Yi Qui Xiang, Zang, Na Na, Vivian, Hu Ya Ning, Fang Cheng no apartamento onde todos moram no Cruzeiro Novo.



Wang Juan em sua banca na Feira dos Importados.



Zheng Jianya, pesquisador e doutorando do CIC/UnB, fotografado em um prédio da UnB.



Tsai Tse Pei (Melissa), fotografada na EC 05 do Cruzeiro Novo, onde a IECB realizava suas atividades. O retrato projetado sobre ela foi feito um dia antes de sua família emigrar, contra a vontade de Melissa.



Tse Fong (Steven) e um retrato de quando era criança, em Hong Kong.